

Capítulo II – O naturalismo de Crátilo

Antes de dialogar com Crátilo, Sócrates realiza ainda algumas considerações com Hermógenes ao final da seção das etimologias. E a partir dessas considerações finais, retiramos dois pontos que serão importantes na continuação do diálogo: a apresentação dos nomes primitivos (*prota onomata* 422c) e a natureza imitativa de tais nomes (423b-c).

Ao realizar as últimas análises etimológicas, Hermógenes e Sócrates percebem que o método de analisar uma palavra a partir da explicação de suas partes tem um limite, pois estas partes também podem ser decompostas em outras partes e assim por diante. Chegaremos, então, em um momento no qual não poderemos ter certeza sobre a formação das palavras e utilizaremos escapatórias como, por exemplo, a de ressaltar a antiguidade das palavras para justificar a nossa incapacidade. Ou seja, Platão nesse momento apresenta um ponto falho do método etimológico e Sócrates tenta contornar essa dificuldade com uma mudança metodológica. Na cadeia de decomposições dos nomes, chegará um momento onde atingiremos os elementos indecomponíveis (*stoicheia*) e para explicar esses elementos não poderemos utilizar nenhum outro nome⁹⁷; por sua vez, estes elementos são as partes constituintes dos nomes compostos e necessários para o conhecimento destes, e Sócrates pretende agora se dedicar à análise dos nomes primitivos para saber o modo da formação correta desses, levando-se em conta que o critério de correção dos nomes primitivos ou primeiros será o mesmo dos nomes compostos, isto é, a capacidade de revelar a natureza das coisas nomeadas.

Pode soar estranho o fato de que Platão, após apresentar as falhas da teoria naturalista na seção das etimologias, tente ainda defender tal teoria a partir da análise da correção dos primeiros nomes. Contudo, entendemos

⁹⁷ Julia Annas, em seu artigo *Knowledge and language: the Theaetetus and the Cratylus*, utiliza esse momento do *Crátilo* para elucidar a Teoria do sonho do *Teeteto* (201c).

que Platão altera o foco do diálogo para apresentar uma discussão que será crucial para a refutação da tese de Crátilo: a natureza imitativa dos nomes.

Então, Sócrates passa a investigar como os nomes primitivos podem revelar a natureza das coisas nomeadas e aqui o filósofo diz que os nomes possuem uma capacidade mimética, assim como outras artes, por exemplo, a música e a pintura. A música imita os sons das coisas e a pintura os formatos e cores. E os nomes, o que eles imitam? Como o segundo movimento da argumentação de Sócrates contra Hermógenes revelou, todas as coisas – como as próprias cores, os sons e tudo aquilo que é – possuem uma essência (*ousia*) que independe dos homens e é exatamente essa essência estável das coisas que os nomes, por meio das letras e sílabas, pretendem imitar. Como consequência disso, temos a formulação de Sócrates de que as sílabas e as letras podem elas mesmas imitar a essência das coisas, isto é, as palavras têm o poder de reproduzir sonoramente a natureza das coisas. Para isso, é necessário primeiro catalogar todas as essências existentes e depois distinguir as letras conforme sua natureza (vogais e consoantes), para daí ver quais letras e sílabas se enquadram com determinadas essências. Assim cada coisa será imitada através dos elementos e suas junções (sílabas, nomes, verbos e o discurso). Por conta disso tudo, poderemos dizer que Platão põe em questão uma teoria que trata do poder onomatopéico das palavras - e de suas partes constituintes - de revelar a natureza das coisas nomeadas. Tal concepção pode ser ingênua para nós, mas o fato de Platão ter se dedicado a refutá-la revela a aceitação que essa teoria tinha em seu contexto intelectual.

E aqui, como nos argumentos contra Hermógenes, Platão trabalha com o paradigma da *eupraxia*, ou seja, há um sujeito que é o mais capacitado⁹⁸ para poder fazer essa identificação entre as essências e os nomes (sílabas e letras); havendo aqui, também, analogias com outras técnicas, no caso, a pintura e a música. E entre as passagens 426c e 427d, essa teoria é colocada em prática a partir da análise de algumas letras e

⁹⁸ Sócrates fala aqui, 424b, do *onomastikos*.

sílabas que têm em si mesmas o poder de imitar a natureza de determinadas coisas, como, por exemplo, a associação que Sócrates faz entre as noções de movimento e a letra *r*, comprovadas nas palavras *krouein*, *thrauein*, entre outras.

Ao formular essa teoria, o próprio Sócrates estranha o que foi dito: “*Julgo que pareceria risível, ó Hermógenes, se as coisas se tornassem claras sendo imitadas por meio das letras e das sílabas.*”⁹⁹ Porém, Sócrates fala que mesmo não sendo uma teoria muito persuasiva, é o único modo coerente de tratar da correção dos nomes primitivos sem apelar a um *deus ex machina* como a formação divina, bárbara ou antiga desses elementos, que por isso não poderiam ser explicados; e como a correção dos elementos compostos depende da correção dos elementos primitivos, o sujeito que se envereda em desvendar as verdades sobre os nomes compostos deve, necessariamente, tratar dos nomes primeiros.

E assim, mesmo depois de perceber as arbitrariedades do método etimológico e notar que tanto esse método quanto a ideia de que há uma correção natural dos nomes estão relacionados à teoria do fluxo universal (ou melhor, revela-se que a formação dos nomes é regida pela noção de que todas as coisas estão em movimento), Sócrates, com essa concepção da capacidade imitativa dos primeiros elementos, tenta salvaguarda tal teoria. Contudo, acreditamos que Platão se disfarça de defensor do naturalismo para revelar os pontos insustentáveis de tal teoria e a partir de agora ele desfaz este disfarce e se dedica – da passagem 428b até o final do diálogo – a refutar a teoria de Crátilo.

Agora, Sócrates abandona a inspiração herdada de Eutífron e retorna ao seu habitual caráter inquisidor, e irá examinar detidamente a tese de Crátilo para ver se ela é realmente válida.

Num primeiro momento (428c-d), Crátilo diz que concorda com tudo o que foi dito por Sócrates anteriormente, e este último, por sua vez, diz que não tem muita certeza daquela sabedoria apresentada e, por isso, é

⁹⁹ 425d.

necessário um exame mais detalhado. A partir de então, podemos dividir esse exame e refutação da tese de Crátilo nos seguintes movimentos:

(I) Como em qualquer técnica, a formação dos nomes pode ser feita de maneira equivocada. Ou seja, os nomes podem ser incorretos e, também, falsos. (428e-433d)

(II) A convenção (*syntheke*) e o costume (*ethos*) têm participação na ação de os nomes revelarem o ser (*ousia*) das coisas nomeadas. (434a-435d)

(III) Devemos aprender (*manthanein*), investigar (*zetein*) e descobrir (*euriskein*) a verdade sobre as coisas a partir dos nomes ou das próprias coisas? (435d-439c)

(IV) O repouso e a estabilidade são condições para a existência do conhecimento (*gnosis*), do bem, do bom e dos seres. (439c-final)

No primeiro momento, retornamos a uma discussão que já havia aparecido na refutação da tese de Hermógenes: a possibilidade da incorreção e do falso. Só que Crátilo defende aqui que os nomes não podem ser falsos ou incorretos porque para ele cada coisa possui apenas um nome correto, que é naturalmente ligado à essência da coisa nomeada, e quando aplicamos um nome que não representa a natureza da coisa nomeada, é produzido algo que não faz sentido, ou melhor, quando isto ocorre, para Crátilo, pronuncia-se um ruído desconexo, não havendo, por isso mesmo, nenhum um tipo de atribuição (*keisthai*). E Platão, nesse momento, faz Crátilo sustentar ainda a famigerada teoria sofística acerca da impossibilidade de se dizer e pensar o falso, que, por sua vez, é uma apropriação das teses apresentadas por Parmênides em seu poema: “dizendo alguém aquilo que diz, como é possível que diga o que não é? Pois dizer falsidades não é isto mesmo, dizer as coisas que não são?”¹⁰⁰ E agora encontraremos no diálogo um segundo argumento contra a tese da impossibilidade do falso.

¹⁰⁰ 429d-e.

Para Crátilo, então, não podemos dizer (*legein*) nem afirmar (*phanai*) o falso; e Sócrates tenta através da analogia com outras artes, convencê-lo de que os nomes podem sim ser formados de maneira equivocada. Como foi bem expresso na última refutação a tese de Hermógenes, o *nomotheta* será um artesão como qualquer outro e como em qualquer ambiente técnico, uns farão bem o seu trabalho e outros não tão bem assim. E o resultado disso é que em toda produção técnica encontremos produtos bons e outros ruins. Crátilo aceita isto em relação à pintura e à arquitetura, mas não, como vimos, em relação às leis (*nomos*) e aos nomes.

Com esta recusa de Crátilo, Sócrates, na tentativa ainda de convencê-lo, faz algumas considerações sobre a natureza mimética dos nomes. Ambos concordam que, primeiro, o nome é uma imitação das coisas e que, depois, o nome e a coisas nomeadas são duas coisas distintas. Esta relação entre as coisas e sua imitação é apresentada da seguinte maneira por Sócrates: as imitações do tipo da pintura e dos nomes tentam representar as coisas imitadas a partir de seus meios e focos específicos – no caso da pintura imitam-se as formas e as cores a partir das tintas; e os nomes, segundo a perspectiva naturalista, realizam uma imitação onomatopéica, por meio das sílabas e letras, da natureza das coisas. Como produto destas imitações nós temos as imagens das coisas em questão num caso, uma pintura e, no outro, o nome. E aqui (430c-d), Sócrates apresenta um critério de correção com relação ao uso das imagens (*eikon*): a imagem é correta quando atribuímos as coisas às imagens que são próprias. No caso da pintura, realizaremos uma atribuição incorreta quando aplicarmos uma imagem de homem a uma mulher, e agiremos corretamente atribuindo uma imagem feminina a uma mulher. Com os nomes, a situação é a mesma, isto é, a atribuição só será correta quando houver uma semelhança entre o nome e a coisa nomeada, caso contrário, nomearemos incorretamente. Ao concluir esta argumentação, Sócrates diz¹⁰¹ o seguinte:

“[...] vou expor-te o que quero dizer. Com efeito, meu caro, eu chamo a este gênero de atribuição (dianomen) que se aplica a ambas as imitações, tanto às pinturas como aos nomes, correcta, e no caso dos

¹⁰¹ Para Catherine Dalimier (nota 396), esta é a única passagem do diálogo que Sócrates expõe algo como sendo uma fórmula sua.

*nomes, para além de correcta, também verdadeira; e à outra, que consiste na doação e aplicação do dessemelhante, chamo incorrecta, e falsa, quando diz respeito aos nomes.”*¹⁰²

Vemos que Sócrates faz uso de uma argumentação analógica sobre as imagens para, a partir da diferença entre imagem e atribuição de uma imagem, comprovar a possibilidade da incorreção e do falso. Ou seja, nada impede que um nome seja corretamente formado, enquanto imagem de uma coisa, e ter uma atribuição falsa. E Platão estende esta possibilidade da falsidade não só aos nomes, mas também aos verbos e as frases, pois estas nada mais são do que *‘uma combinação destes (nomes e verbos)’*.¹⁰³

Contudo, diferentemente de Hermógenes, Crátilo está convicto da veracidade de suas afirmações e não se deixa convencer facilmente, pois aceita que uma pintura seja atribuída incorretamente, mas não os nomes (e as leis), já que para ele os nomes são sempre corretos e verdadeiros – isto significa dizer que sempre imitarão perfeitamente a natureza das coisas - e caso sejam atribuídos de maneira incorreta, eles deixam de ser imagens e produzem algo vazio de significado. Ou seja, se em um nome for retirada ou acrescentada alguma letra ou sílaba que não condiz com a natureza das coisas, não haverá mais nomeação.

Contra isso, Sócrates diz que é preciso ter um outro critério de correção para as imagens, que não seja este de ser totalmente idêntico às coisas, pois, se fosse possível uma imagem reproduzir exaustivamente todas as características daquilo que ela pretende imitar, não teríamos mais uma coisa e sua imagem, mas sim duas coisas, e não mais saberíamos diferenciar as imagens de seus paradigmas reais. Platão utiliza este argumento aqui para tratar da imperfeição intrínseca das imagens e com isso tentar convencer Crátilo de que os nomes, enquanto imagens, possuem limites em relação a sua imitação, e serão corretos apenas quando usarem seus componentes e aplicá-los de maneira conveniente para representar as coisas das quais são imagens.

¹⁰² 430d-e.

¹⁰³ 431c. Encontramos aqui uma definição semelhante em *Sofista* 262a9-11.

Além disso, nada impede que tal aplicação seja realizada de maneira incorreta, já que em relação às imagens umas serão necessariamente mais belas do que outras, e este fato não irá fazer com que esses nomes formados incorretamente, deixem de ser imagens. Isto é, um nome não deixará de ser nome se for formado ou atribuído incorretamente.

Percebe-se que Sócrates está aos poucos minando logicamente os argumentos de Crátilo, tentando ampliar a aceitação que este personagem fez da distinção entre imagem e atribuição da imagem, para a vinculação indireta e imitação imperfeita dos nomes em relação à natureza das coisas. Ao final desse primeiro movimento da refutação do naturalismo, Sócrates chega à conclusão de que há certa semelhança entre as partes dos nomes e a natureza das coisas, e quando forem utilizadas letras que se assemelham às coisas, os nomes serão formados corretamente e a atribuição será verdadeira, mas se na composição dos nomes houver algo que não seja semelhante à coisa, é sinal de que o nome foi incorretamente produzido e que é falso. Mas Crátilo continua relutante em aceitar isso.

A partir da passagem 434a, há uma mudança no direcionamento da argumentação e, por isso, entramos no segundo movimento da refutação de Sócrates. E será neste momento que Platão dará um duro golpe no naturalismo cratiliano. Até agora, tanto Sócrates quanto Crátilo concordavam que há uma semelhança entre os nomes - para Sócrates somente quando este é formado corretamente, para Crátilo, sempre, se for realmente nome - e a natureza das coisas. Para isso ser possível, é preciso que haja uma semelhança entre as letras e a própria natureza das coisas, como foi provado ao final da argumentação com Hermógenes. Contudo, Sócrates, nesse segundo momento, colocará em questão isso e para atingir tal finalidade ele utiliza como exemplo o significado e a forma da palavra ateniense *sklerotes* e a de Erétria *skleroter*.

O significado dessa palavra é dureza em ambas as regiões e a diferença na última letra não prejudica a compreensão da palavra porque tanto o *r* quanto o *s* estão, de acordo com a teoria defendida anteriormente, relacionados com a sensação de dureza. Contudo, o grande problema é que

em ambas as palavras encontramos a letra *l*, também analisada anteriormente, que revela algo contrário à dureza, ou seja, a fragilidade ou moleza. Este fato não impede que, ao pronunciarmos tal palavra, tanto o que fala quanto o que ouve tenham em mente a dureza. E o que possibilita isso? Com certeza não é o fato de haver uma afinidade entre os componentes das palavras e a natureza das coisas nomeadas, pois pela composição da palavra retiraríamos um significado contrário ao verdadeiro sentido. Não há, então, outra possibilidade de resposta que não seja a convenção (*syntheke*) e o costume (*ethos*), isto é, o fato de tal signo representar algo não diz respeito ao fato de ele conter em si mesmo uma semelhança com a natureza da coisa nomeada, mas sim, o que está em questão aqui é, meramente, um acordo e um posterior uso da atribuição de um signo a uma determinada coisa.

Mesmo a contra gosto¹⁰⁴, tanto Crátilo quanto Sócrates são levados a aceitar que a formação e aplicação dos nomes é uma obra de atos arbitrários estabelecidos convencionalmente. Enfim, o que é posto em questão aqui, nesse segundo argumento de Platão contra a tese de Crátilo, não é capacidade dos nomes de representar (*deloma*) algo, mas sim o critério de correção dos nomes, que agora deixa de ser a semelhança entre os componentes das palavras e as coisas, e passa a ser o cumprimento de uma norma estabelecida.

Então, com esse argumento acerca da palavra *sklerotes*, Sócrates se desvincula da tese naturalista e leva Crátilo a aceitar que a convenção e o costume estão presentes na formação e no uso correto dos nomes. Ao final do segundo momento, Sócrates faz uma pergunta que trata do poder (*dynamis*) dos nomes e desse modo a argumentação tratará agora de uma importante questão sobre o papel da linguagem frente ao conhecimento das coisas. E os últimos dois momentos da refutação de Sócrates contra o naturalismo colocarão em questão a relação entre o conhecimento e a linguagem. Encontraremos, também, aqui uma crítica ao mobilismo absoluto das coisas, atribuído aos seguidores de Heráclito.

¹⁰⁴ Em 435c-d, Sócrates diz que esta ideia de uma convenção é um ‘dispositivo grosseiro’ para a questão da correção dos nomes.

Em (III), Sócrates pretende refutar, de uma vez por todas, a concepção cratiana de que os nomes são idênticos às coisas nomeadas e que, por isso, para conhecer as coisas basta somente conhecer os nomes destas. E aqui há uma mudança no foco da investigação: saindo de uma discussão sobre o critério de correção dos nomes para a função dos nomes. Então, Crátilo responde que a *dynamis* dos nomes é claramente o ensino; e os atos de aprender, investigar e descobrir se dão por meio de um único caminho: o conhecimento dos nomes. E o argumento utilizado por Crátilo para sustentar isso é a excelência dos produtores dos nomes, que realizaram sua atividade da melhor maneira possível, pois eles eram sábios; caso contrário, diz Crátilo, os produtos deles não poderiam sequer ser chamados de nomes. O principal argumento que Sócrates utiliza contra Crátilo aqui é o seguinte: se só podemos conhecer as coisas através dos nomes que foram formados pelos primeiros *nomotheta*, como estes podem ser tidos como sendo conhecedores das coisas se eles ainda não dispõem dos nomes para conhecê-las? Crátilo admite que há aqui uma dificuldade e tenta fugir desta fazendo menção a uma possível origem divina dos nomes. Além dessa dificuldade, Sócrates narra que entre os *nomothetai* havia uma luta constante entre os que formavam os nomes a partir da concepção de que tudo está em um fluxo e outros que tinham a crença na estabilidade.

Diante desse cenário, Sócrates diz que os nomes não podem ser a única via de acesso às coisas, e, mais ainda, há um caminho para além dos nomes que pode nos fornecer um verdadeiro conhecimento das coisas. E Sócrates também faz aqui uma menção à condição de imagem dos nomes: dois poderiam ser os caminhos para conhecer as coisas, a partir de suas imagens (nomes) ou pelas próprias coisas. Mesmo que as imagens sejam estabelecidas e atribuídas de maneira correta, elas serão ainda imitações imperfeitas, pois, como foi visto, é impossível que uma imagem consiga imitar de maneira absoluta as coisas. Então, a verdadeira via de acesso ao conhecimento das coisas é a partir delas próprias. Diz Sócrates:

*“Mas é desejável que tenhamos concordado nisto, que não é a partir dos nomes, mas muito mais em si e a partir de si mesmas que as coisas devem ser aprendidas e investigadas, do que a partir dos nomes.”*¹⁰⁵

Por fim, Sócrates, no último movimento de sua refutação, pretende apresentar os problemas da tese que fundamenta todo o pensamento de Crátilo: que as coisas estão em eterna mudança. Para tal personagem, era isso que os *nomothetai* tinham em mente ao formularem os nomes, como ficou comprovado pelas análises etimológicas. E temos aqui uma refutação ao mobilismo absoluto, tido como sendo sustentado pelos seguidores de Heráclito, semelhante ao que ocorre no *Teeteto*, mas aqui numa extensão menor.

Como na refutação da tese de Hermógenes, Sócrates faz menção à necessidade da existência de essências estáveis que possibilitem tanto a existência das coisas quanto o conhecimento (*gnosis*) sobre elas. No presente momento, Sócrates trata da existência dessas essências estáveis como sendo algo que ele tem sonhado com frequência. Diz ele:

*“Investiga, pois, ó espantoso Crátilo, aquilo com que tenho sonhado tantas vezes (pollakis oneirotto). Se devemos dizer que há uma coisa que é o belo em si (auto kalon) e o bem e cada um dos seres da mesma maneira, ou não?”*¹⁰⁶

Sócrates indica que a beleza encontrada no mundo sensível é instável, pois algo que é belo pode deixar de ser. Contudo, para que possamos chamar algo de belo, é preciso existir o belo em si, que não muda e sempre será aquilo que é. Platão diz que, se afirmarmos que tudo está em fluxo, as coisas não poderiam ser, pois para algo ser é preciso haver uma unidade estável e permanente, uma vez que mudança ou alteração levam ao afastamento de sua própria forma (*eksistamenos tes hautou ideas*); também não poderíamos dizer que há conhecimento, pois é impossível saber alguma coisa de algo que muda o tempo todo, já que esta coisa está o tempo todo deixando de ser aquilo que era e se tornando outra coisa; por fim, não poderíamos nem ao menos nomear corretamente as coisas, na medida em que quando dizemos que algo é ‘isto’ e em seguida ele muda, não será mais ‘isto’ e sim ‘aquilo’, mas novamente irá mudar e

¹⁰⁵ 439 b-c.

¹⁰⁶ 439d.

será chamado de outra coisa; então, uma nomeação correta será algo impossível.

Por isso tudo, Platão diz aqui que se a forma (*eidos*) de coisas como ser, saber, belo, bem, entre outras, estivesse em constante mudança, tais coisas não existiriam, porque é preciso que haja essências que são em si mesmas estáveis e permanentes para que possamos aplicá-las às coisas. E assim, Platão rejeita a teoria do fluxo contínuo sustentada por Crátilo. Todavia, ao final do diálogo e, portanto, depois de Sócrates ter realizado todas estas argumentações, Crátilo continua afirmando que as coisas são do modo como afirma Heráclito.

Vemos, então, que novamente Platão faz menção às Ideias ou Formas que sustentam a existência dos seres e possibilitam o conhecimento sobre estes. Em outros termos, aqui no *Crátilo* as Ideias surgem de maneira semelhantes aos diálogos da fase média, ou seja, como sendo o fundamento ontológico e epistemológico do mundo sensível. E assim termina a argumentação do diálogo, com isso, podemos agora passar às considerações finais.